

piero eyben

LOA CONTÍNUA

para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana

LOA CONTÍNUA

para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana

(em resposta a Hilda Hilst)

piero eyben

LOA CONTÍNUA

para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana

(em resposta a Hilda Hilst)

© 2018 Piero Eyben

EDITORIAL

Amarílis Anchieta
Bárbara Gontijo
Mariangela Andrade
Piero Eyben

Eyben, Piero.

Loa Contínua para fagote e viola de gamba (em resposta a Hilda Hilst) / Piero Eyben – 1. ed. – Brasília: C₁₄, 2018.

1. Poesia brasileira. I. Título.

2018

C₁₄ | casa de edição
Brasília DF

*Lê Catulo para mim pausadamente.
Ressuscitei memórias na manhã de ventos
E abrasei-me de um sol sem arvoredos.*

Hilda Hilst

*Ninguém, disse-me minha mulher, me caso
Apenas comigo, nem mesmo se Júpiter pedir.
Diz: mas o que a mulher copiosamente diz ao amante desejoso
No vento e na rápida escritura porta água.*

Catulo

I

Como se assim, voz e vento,
Ariana, desgosto as folhas
em que ramos soluçam

supondo, como em cada noite,
que o branco do rosto
se afugente no temor

mesmo que calado da música,
ausente coronária dos tecidos,
tua pelve enlanguescida

dos suores do meu corpo,
talhado de forma e cicatriz,

Ariana, o tempo do tempo
é hoje, em que teu fio
destece o fuso, contorna

os pescoços – estas amas salteiam-se –
feito corona abalada:
amanhã sem aroma,

e seu corpo lançado
entre os linhos; tecido
de fora, não bordado
em rododendros.

II

Sobre a alfombra do dia, a que tu sabes
ser de cores organdis,
meu tronco se inclina sobre ti; e
num só gesto de dor, a couraça que o cobre
carcome de prazer este eterno almejado
para ti.

Tu, Ariana, vês como que – sem Teseu –
o canto, todo éter, se desfaz e tu fazes
apenas mulher sóbria matéria, minha carne,
senhal.

No delirante espesso tecido que há sob
os corpos, estes dançam, imorredouros,
mas ainda e constante trêmulos: sem uma
palavra. O corpo pede que o veja, o sinta,
respires arfante, extasiados, teu e meu,
soluçam convulsivos: pés mãos narizes olhos
peles cabelos dedos dedos dedos e boca.

Ao dia, o corpo cede como cálice,
e parto.

III

Corrente, todo marítimo, meu corpo
tende a colher, manchado de gozo,
as mortalhas de pele, entre unhas,
em silêncio cultivadas
para ser só água.

Solução de fonte, da minha noite
se calam os consolos, e tu, como
que após o coito, inalas meu
peito corado do buquê roxo
do morso molhado entre dentes.

Tu, Ariana, só de casa falas,
permanência? Recuso por
cantares cheia daquele sol joliz,
todo ele meio clichê, regente
do meu pau adentro.

Eu, ao contrário, dispo-me de
mortalhas, sem o perene, tudo
apenas som: prefiro ao amor, a
lua, mudez, desfeita e Penélope,
estaque meus suores sejam teus
humores e nós, a cada noite,
sentamo-nos ante à tapeçaria que acolhe corpo.

IV

Controlo-me, afoito,
num manto todo de acácias.
congelos-me como que mutilado

no espaço imberbe do corpo.
Todos estes pelos que me cobrem,
Ariana, não são mais que salivas

para o teu, a que prefiro às rosas,
orquídeas ou maios, não me parece
que as coronas assemelhem-se

aos mamilos de femininas lésbias,
Inês ou Carmem. Afloram, estas flores,
como as tuas duas mais espectrais

mantendo-me atento e desperto
ao modo como a uva fermenta-se
em maceradas nódoas de taças.

Posiciona-se – como Manan –
em tocar-se, mas antes mais acurada
no feitio, manchando as anáguas

do meu peito. Eu, Ariana, conheço
as formas da natura que regem
coisas, mas prefiro, mesmo que

não te agrade, ou a ti pareça sem
tino, olhar o que é, ver o que há:
corpo, seios, vulva, delicados

sentidos em que o tempo, aí sim,
pode, por um instante, parar.
Olhos voltados, corpo caído no

que se vê, cheira, almeja
e torna.

V

Sob as sedas de teu corpo, Ariana,
desfio os fios dos mantos da virgem
– o que desimporta –
puella se tua cona for-me oferecida,
na acuidade de meus dedos, a garganta
entupirei toda de lívido brancuz;
o mastro que te rege, inchado, coroarás,
em luta e atenção, estes lábios que
por um só instante estiveram entre
os dedos da direita.

Teu ouvido, Ariana, diz-me, repetindo,
o que ouves de mim mesmo, pois quero
cantar – sem vestes – as delícias em que
pouso meu ivirapeme de mando. Teu corpo
beija – solícito – todas as entranhas da face
e sinto o olor, entre seda e malha, que
inflama a pelve e contorce os olhos; buscas,
Ariana, com a mão esquerda, o flanco abaixo
em que sabes que teus olhos não serão mais
etéreos.

VI

Deixei-te um ênio espelho de poses
bem armadas – dois jovens, para que
se lembre, martirizada – em que podias
se olhar e dedilhar às íntimas.

Em meses afora, isolado meu corpo
caiado de manchas, sem fio, labiríntico,
viu apenas miragens desérticas. Nada
de cães ou tapetes, apenas escorpiões,
areia e sol. Dia vivi, por três luas.

Não há, Ariana, sem teu corpo,
convulsão ou presságio, por isso
maculo, morrendo, ainda mais meu
tórax de cicatrizes e mutilação, descendo
as amazonas que, sem seio, caçam melhor.
Sem teu corpo, não há remos para loas.

Muito tenho pensado, por estes sóis
que não calam, que ao lambe-te a boca
estou em bodas: deslumbra
malha, fina delicadeza, entre encaixados
desenhos coroam a face desnuda – toda de
corpo e fátuos – para após três luas

serem colhidas
a tempo. Há, com isso, Ariana, uma toda
moedura em que me vês
naquela nonária, nu,
e no caibro o colo contorcido.

Três luas percorro meu corpo todo
para, com sabência, mal-dizer as
putas todas que me isolam
quando tu, Ariana, não me revelas.

VII

Manan ouvindo dizer que tu estás
solitária; mas comigo, quer-te aprender.
Não a eximo, pois ela, quando esguia,
é sem dúvidas uma mulher, e corada.
Nossos corpos, como os vês, Ariana,
são imersos de contrárias posições e
calham-se muito aos fortuitos prazeres
vejo-te e, por vezes, deploro robustez.
Contraem-se nossos dedos ao leve
mover de aves, como que súbitos de silvos.
Sibilantes nós de porvir, tingem de magenta.
E quer-te, mesmo assim, aprender-te.

Mas não venha, como que por ensinar,
cravejar – em gracejos – meu peito
com ciúmes.

VIII

Mais, ainda, um corpo nódoa – decessos
e desvarios outros – mais, ainda em corpo
conluio carmesim e estática morada. Mais,
como que solto em fulvos aéreos desvelos.

Não és, fugaz e permanente,
mas antes – ante a carne inconstante –
estrela, movência. Em tudo o que
desprezo montar, serias tu apenas soma.

Minha alma, incomunicável, fica calada.
só ao corpo somo cores suores cossos.
Ariana, tuas noites, minhas, pois ao dia
dedico apenas o sono e não quero amantes.

Ao que Catulo: *nobis cum semel occidit
brevis lux* somaríamos em beijos vários.
Quero-te, ante pele e prazer, ser apenas
breve – vela em fim da noite. Lacerando.

Sendo breve, pois é breve o inverno, e
em nós não hiberna o tempo, mas salta.
Sendo breve, pois a terra é o breve breviário
da noite em que tudo o que dá, cresce.

Da terra extraio, lavrador, o sumo de cana,
o sumo de trigo e soja, para que o canto se
afaine mordente e que saia – abrupto – para
esta alfombra que nos prova o terrestre.

Só da terra, o celeste. Paizinho João Batista,
Xangô das pedreiras, manda fé de que do alto,
não falta nunca. Da terra, em que breve
me inflama o corpo, conduz-nos à antífona.

IX

Conta-se que havia na Grécia um homem belíssimo que enlouqueceu de amor todas as mulheres, sobretudo Eco. Mas certa vez, brincando entre os ramos da floresta, deparou-se com seu próprio rosto no espelho d'água e morreu tingindo o peito e os dedos de mármore de sangue.

Tenho, em mim, estas
brânquias de fora que
filames me respiram

beleza

sobre saber de mim,
há um homem parecendo
mulher que mal-disse
o gozo e punido – por
destratar cobras – cegou-se
maculando todos à volta.
O que se canta, à volta deste
espelho, não sei: só na água
há beleza.

Uma taça de prata foi despojada
a mim, como que de um casal,
dois homens idênticos, mas apenas.

Não, Ariana, meu corpo não é óleo.
Como Eco, tu desfazes-te em pedras
pois,
sou nódoa, miasma – existindo.

X

Conduz-me pela boca que te darei
compêndio dos meus hálitos, ao dia,
soluços de horas que não passam a
não ser em palavras rubras de vinho.
Conduz-me pelos lábios que te dou,
silentemente, meu corpo todo em
timbre de cordas, que ouvidas não
dura em amor o trabalho de mãos.

Nesta cama turca, de carmesim bordada,
preservo o teu corpo dentro de mim,
como flores que só brotam, sem mais.
Melodiosa, Ariana, teus fios me são agora.

Conduz-me pelas pernas que te darei
carvalho condoído das minhas noites,
sonata ébria de tempo que perpassa e
numa aurora os montes se deflagram.
Conduz-me pelo braço que te dou,
sensivelmente, meu corpo feito couraça
tua de voz e alarido, espumosa tinta branca
dança e presságio: tua loa, teu hímeme, himeneu.

EPÍLOGO ENCONTRADO NUMA ESTELA

num braço peço apenas que me tome com essa
tua língua de palavras escolhidas do que talvez
escondesse sem que não me desse por isso por um
mesmo som repetido às vezes sem mais ou por
tê-lo no sono de um outro dia aquele após as
mãos sobre as pernas a cabeça ancorada num
caminho que ri ou de quem não consegue mais
respirar fico aqui imóvel diante do seu corpo
que desconheço a cada passo a cada centímetro
numa fumaça do seu hálito sem minha boca
e espero em mim a sua ausência

primeira edição
100 exemplares
gráfica pigmento
para a C₁₄| casa de edição
em julho de 2018